

SESSÕES DO PLENÁRIO

26ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 17 de maio de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO ALAN SANCHES (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): Bom dia a todos, é um privilégio estar com vocês hoje.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano ao médico ortopedista Dr. Olavo Pires de Camargo, proposta por mim mesmo aqui nesta Assembleia Legislativa e aprovada pelos 63 deputados e deputadas.

Para compor a nossa Mesa nesta honraria no dia de hoje, convido o vereador da cidade de Salvador, o vereador mais votado do Democratas na última eleição, Duda Sanches; o professor associado da Faculdade de Medicina da Bahia e Universidade Federal da Bahia, Dr. Alex Guedes; também é um privilégio estar aqui com o presidente da Faculdade São Salvador, Dr. Antônio José Sales da Silva e representando os funcionários, amigos e pacientes do Dr. Olavo, convido a chefe de gabinete, a Sr.^a Deise Ribeiro Castelo Branco. (Palmas)

Foi a mais aplaudida até agora, viu, Deise?

E agora, gostaria de solicitar ao cerimonial que faça a condução ao nosso recinto do nosso grande homenageado, o professor Dr. Olavo Pires de Camargo. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao plenário.)

Aproveitando o momento, convido a todos os presentes para ouvirmos a execução do nosso Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): Vou pedir licença aqui à Mesa e utilizar a tribuna para que eu possa fazer a minha saudação e justificativa ao nosso Dr. Olavo Pires de Camargo.

O Sr. ALAN SANCHES: Eu acho que hoje é um dia especial na vida do Alex, na minha vida, por essa honraria a um homem de tão grande valor que temos na sociedade.

Inicialmente queria saudar essa prestigiosa Mesa, que tem o meu filho primogênito. Sempre que a gente fala do filho a gente fala com amor e com carinho, não seria diferente com o Duda, eu sempre digo que o mais inteligente dos meus quatro filhos é a pequena Bruna, que é a única mulher que eu tenho, além da esposa,

lógico. Queria saudar aqui o vereador no seu segundo mandato, que, inclusive, foi o vereador mais votado pelo Democratas, o quinto mais votado no geral das mais de 600 candidaturas que nós tivemos aqui na capital. Como o nosso Dr. Olavo estava aqui conversando, se conseguiu dobrar a sua aceitação e a sua votação de uma eleição para outra, significa que acertamos na escolha, que as pessoas estão acreditando no potencial desse jovem rapaz, Duda Sanches, representando a Câmara Municipal de Salvador.

O Dr. Alex Guedes é um grande amigo, queria saudar também, um homem que tem um currículo, realmente grandioso, aqui no estado da Bahia, doutor, professor adjunto da UFBA, grande médico, cirurgião ortopédico, principalmente cirurgião ortopédico oncológico, sintam-se saudados. Também veio prestigiar, agradeço muito ao senhor pela sua presença, o presidente da Faculdade São Salvador, Antônio José Sales da Silva; a nossa querida Dayse, como eu disse, foi a mais aplaudida quando fizemos o chamamento para a composição da nossa Mesa e não seria diferente com o nosso grande Dr. Olavo Pires de Camargo.

Quando eu começar a fazer aqui... tentei fazer hoje... não seria diferente se não falasse algumas coisas de improviso, não seria Alan Sanches falando, eu falando aqui para vocês. Mas rabisquei algumas coisas para que a gente possa ter entendimento da justificativa dessa honraria, para mim a maior honraria desta Casa é o Título de Cidadão do Estado da Bahia, quando a Assembleia Legislativa, que representa milhões de habitantes aqui do nosso estado, reconhece o valor do Dr. Olavo Pires de Camargo para a nossa Bahia. Será daqui a pouquinho um grande e um novo cidadão baiano, e a responsabilidade também vai aumentar com o nosso povo querido daqui da Bahia.

Bom dia a todos vocês aqui, os alunos, funcionários, amigos presentes, a esposa querida que veio acompanhando. A maior honraria da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, sem dúvida alguma, é a concessão do Título de Cidadão do Estado da nossa Bahia. E esse foi aprovado, não diferente, pelos 63 deputados e deputadas desta Casa que se fizeram presentes no dia da votação.

O professor, Dr. Olavo Pires de Camargo, é paulista e também paulistano, paulista quem nasce no estado de São Paulo e paulistano na cidade de São Paulo, e agora vai se tornar também um grande defensor, mais ainda, do nosso estado. Eu preciso fazer uma leitura, rápida, diante do currículo imenso do nosso professor, trazendo algumas coisas para que as pessoas possam ter noção de quem é o Dr. Olavo Pires de Camargo.

Ele é professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, desde 2006; chefe do Departamento de Ortopedia e Traumatologia até 2010; chefe da disciplina de Ortopedia Geral e chefe do grupo de oncologia ortopédica do Instituto de Ortopedia, que é o IOT, lá do Hospital das Clínicas, desde 1985, isso mesmo 1985. É um pesquisador nato, sua linha de pesquisa é ortopedia oncológica com ênfase no diagnóstico e tratamento dos tumores ósseos, lesões pseudotumorais, tumores de partes moles e de extremidades. Atua na reconstrução dessas lesões com emprego de enxerto ósseo autólogo e de banco de tecidos. Nas lesões malignas

especializou-se na reconstrução com endoprótese modular e enxerto ósseo de banco. Nas lesões ósseas metastáticas faz cirurgias preventivas de fraturas patológicas empregando hastes bloqueadas e outras coisas.

Atua também na realização de cirurgias de artroplastia nos casos de osteonecrose, quadril, ombro e joelho. Atua como coordenador de pós-graduação em ortopedia e traumatologia junto à Faculdade de Medicina da USP; vice-presidente da pós-graduação da USP também e na comissão de avaliação da CAPS de 2003 até 2009.

É mestre, tem mestrado, tem doutorado, tem livre docência, diversos cursos de extensão, quando falo diversos, não estou me referindo a um, dois, cinco, dez, são diversos cursos de extensão.

E o nosso querido Dr. Olavo é um professor e um pesquisador nato, sua linha de pesquisa é ortopedia oncológica com ênfase em ressecção de tumores ósseos, sarcoma de partes moles, substituição com endoprótese, enxerto de banco, como a gente estava se referindo. Tem diversos projetos de pesquisa. Dentre tantos, vou destacar alguns mais recentes: expressão da proteína, reconhecida pelo anticorpo monoclonal PSP 85.9 em osteossarcomas convencionais; transposição do trato iliotibial, tensor da fáscia lata, para recuperação e manutenção da abdução após ressecção de homoplasias do fêmur proximal; fatores de prognóstico do mixofibrossarcoma apendicular.

Eu estou trazendo esses temas aqui e vocês podem dizer: “O que é isso? Do que Alan está falando? Será que tinha necessidade?” Só para que vocês possam entender quão grande é o professor Dr. Olavo.

Membro ainda do corpo editorial de diversos periódicos, inclusive, revisor de alguns: *Acta Ortopédica*, é uma revista ortopédica brasileira, no qual há publicações do Brasil todo; o jornal da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia; *a Folha Ortopédica e Traumatológica: Diagnóstico e Tratamento*; revisor de projetos de fomento, como Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, dentre outros. Mais de 195 artigos publicados, três livros publicados, 53 capítulos de livros inscritos, 19 trabalhos publicados em congressos. São diversas, centenas de citações, quando se fazem as buscas. São centenas de publicações e citações ao Dr. Olavo Pires de Camargo.

Mas eu digo uma coisa professor: o senhor é um exemplo de que os dons das pessoas – uns são grandes músicos, grandes jogadores, grandes oradores –, o senhor é um exemplo de que esses dons, muitas vezes, passam de gerações para gerações. O senhor é de uma família tradicional de São Paulo que vem na medicina, do pai, do pai, do pai, até chegar ao senhor, graças a Deus chegando até o senhor, com esse dom para ser professor, para se dedicar à medicina, para estudar, para evoluir, para que a gente consiga cada vez tratamentos melhores e evoluídos. Eu chamaria até o senhor de um dos gigantes da medicina. Realmente, para mim, é um orgulho hoje, para os brasileiros e para os baianos, ter o senhor praticando a medicina como pesquisador e como grande professor. Mas tão importante quanto as suas publicações, tudo o que o senhor escreve, toda a sua dedicação, Dr. Olavo... Eu disse ontem, fazendo um

parêntese aqui, que o senhor veio na Bahia... Eu não conheço hoje, desculpe a ignorância, quem veio de um dia para o outro e recebeu três homenagens. O Dr. Olavo, ontem, foi agraciado pela Academia de Medicina da Bahia, foi agraciado pela Universidade Federal da Bahia, lindíssimo. Eu disse que fiquei com ciúme, um ciúme bom, quando eu estava lá presente e ele recebia a homenagem na faculdade, a primeira faculdade do Brasil, que fica ali no Terreiro de Jesus. Belíssima, uma coisa assim que emociona você. E o senhor foi agraciado justamente naquela faculdade. E, hoje, recebendo mais honraria, a maior honraria desta Casa, que é o Título de Cidadão.

Mas eu digo ao senhor, Dr. Olavo, que tão importante quanto as suas publicações... Volto inclusive para a importância que o senhor teve no convênio firmado com a primeira residência, eu digo assim. Durante anos – eu vou fazer 28 anos de formado em medicina –, durante o meu período de estudante de medicina, os 6 anos que a gente leva, eu queria fazer ortopedia, e não existia residência médica na Bahia.

Vocês imaginem: eu entrei em 86 e saí em 91. E nesse período, eu digo: “Eu quero fazer Ortopedia”. Aí: “Então você não vai fazer aqui”. Não existia Ortopedia. Aí, o Hospital Santa Isabel se reuniu com duas outras instituições, na época era o Hospital da COT e também o Hospital Martagão Gesteira, e conseguiu credenciar a nossa residência junto à Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Dois anos seguintes, eu já tinha passado na residência e fui residente dessa faculdade lá no Hospital Santa Isabel.

Dizendo isso, eu não tive o privilégio de estar nesse convênio com a USP, lá em São Paulo, porque eram 3 anos de residência – na minha época eram 3 anos de residência, hoje já são 4 –, e você tinha que passar 3 meses, tinha que passar um opcional lá na USP. Uma das pessoas que aceitou o povo nordestino da Bahia foi o Dr. Olavo Pires de Camargo. Claro que outros participaram, mas se não fosse a vontade também política, a vontade acadêmica dele de passar os conhecimentos lá da USP para nós aqui, isso não teria acontecido. O que se mantém até os dias de hoje isso.

Por que é importante isso? Por que é importante esse convívio, esse rodízio que os residentes faziam lá? Porque isso abria portas para que a gente pudesse estar cada vez aperfeiçoando os conhecimentos que a gente tinha aqui com os conhecimentos que a USP, em São Paulo, teria para que pudesse ajudar a melhorar a qualidade do ensino de cada residente formado.

Depois disso, os residentes, criando relações, e também o próprio serviço, criando relações, isso possibilitaria e facilitaria o percurso para se fazer um outro curso de especialização, que hoje já existe, que muitos fazem lá, que passam à subespecialização, o R4, um ano fazendo a especialização em outro serviço, inclusive na USP. Isso, realmente, graças a uma dessas pessoas, ao Dr. Olavo Pires de Camargo.

Essa é a preocupação de um homem não só pesquisador, não só professor, porque se quiserem pesquisar a vida de Dr. Olavo Pires, que faz durante toda sua vida

e tem... Vocês podem fazer qualquer pesquisa nas redes sociais e na internet hoje, vocês vão observar que é um homem dedicado ao estudo, é um homem que dedicou a sua vida à medicina.

Eu diria a vocês que a primeira coisa que fiz foi escolher medicina. Sou médico, tenho quatro filhos. Um já está para terminar a cardiologia, e tenho outro que não entrou nessa parte da medicina, que é Duda, que fez administração. Eu digo que nem sempre se escolhe, passando de geração para geração, a mesma coisa. Dizem: “Não, mas acabaram te acompanhando, porque um fez medicina e o outro acabou se tornando político”.

Mas o Dr. Olavo poderia ter escolhido uma outra função, uma outra especialidade, uma outra profissão. Mas a primeira coisa que ele fez foi escolher medicina. E dentro da medicina podia escolher coisas assim que, as pessoas que não são, digamos assim, médicos propriamente ditos escolheriam, coisas bonitas, coisas mais tranquilas, mas, dentro da medicina, ele escolheu ortopedia.

Aqui na Bahia, durante muito tempo, Dr. Olavo, diziam que para ser ortopedista tinha que ser burro e forte. Aí eu dizia, calma lá. Aí você começa a ficar ousado. “Estudante residente em ortopedia basta ser burro e forte.” Aí eu falei: “Tranquilo, mas quando sua mãe quebrar o colo de fêmur ou seu filho nascer com o pé torto, você chama o cirurgião geral para operar, não chama o ortopedista”. E a gente começou a desmistificar isso, essas piadinhas que falam. E a gente que gosta da profissão tem que passar inclusive por essas brincadeiras que as pessoas falam.

Mas eu acho que todas as profissões têm o seu merecimento, porque eu acho, como falam aí, cada um no seu quadrado, desde o dermatologista, otorrinolaringologista, oncologista, qualquer uma, porque você vai precisar do conhecimento específico daquela área.

Mas, voltando, Dr. Olavo escolheu medicina; dentro da medicina, escolheu ortopedia; e dentro da ortopedia poderia escolher o que lhe dava maior retorno financeiro. É claro que medicina é um sacerdócio, mas também você fica: “Poxa, eu quero subir na vida, isso e aquilo. Vou procurar fazer uma especialidade, cirurgia de joelho, uma cirurgia de quadril, alguma coisa assim”. Mas, não. O que as pessoas não gostam de ver, o que as pessoas não escolheriam, Dr. Olavo escolheu dedicar a sua vida, a sua formação ao câncer, à oncologia ortopédica.

Começou a se debruçar sobre essa doença que as pessoas às vezes não gostam nem de pronunciar, e falam neoplasia, mas eu prefiro hoje, aqui, tratar como câncer, um câncer ósseo, que mata, que aleija. E isso, uma das pessoas no Brasil que mais dedicou a sua vida e se dedica a esse tipo de estudo e tratamento é o Dr. Olavo Pires de Camargo.

Tracei aqui o currículo invejável do senhor, que eu não sei se dez pessoas no Brasil possuem um currículo desse tamanho, com tanto significado e tanta importância. Dr. Olavo, o senhor, com esse currículo, já justificaria. Mas o que eu acho que, para mim, o que mais justificou quando Alex Guedes trouxe, para que a gente fizesse avaliação e eu fizesse a proposição aqui para a Assembleia Legislativa, foi o que o seu conhecimento nos deu, o poder de tratar pessoas que antes eram

apenas tratadas como amputação, hoje a gente consegue fazer tratamentos diferenciados com endoprótese, que, inclusive, o senhor fez, produziu, construiu uma endoprótese que é utilizada até hoje, que é a substituição de uma parte do segmento do osso por essa endoprótese, para continuar dando função, muitas vezes funcionando como uma prótese biológica, mas que melhora, melhora muito a autoestima do paciente.

Então, se eu pudesse resumir a minha justificativa, eu diria que é o tratamento diferenciado que você possibilitou, Dr. Olavo, meu querido Olavo, me permita dizer assim, a proximidade, o tratamento que a gente pode dar através dos seus alunos treinados, inclusive do senhor, que já atendeu e tratou muitas pessoas.

Eu quero dizer ao senhor que para mim, eu tenho aqui três mandatos de deputado, estou iniciando meu terceiro mandato de deputado estadual e, para mim, talvez, até hoje, eu não tive o privilégio de conceder uma honraria tão grande, tão importante e para uma pessoa tão merecedora como o senhor.

Parabéns, meu amigo, agora também, meu colega aqui de sangue baiano, o novo cidadão baiano Dr. Olavo Pires de Camargo. Muito obrigado por aceitar essa Comenda. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): Eu gostaria de passar a palavra a Dr. Alex para fazer uma breve saudação. E se quiser falar daí, Alex, pela sua dificuldade. O microfone...

O Sr. ALEX GUEDES: Sr. proponente da sessão, deputado Alan Sanches; Sr. Vereador da cidade do Salvador, representando a Câmara Municipal de Salvador, vereador Duda Sanches, vereador mais votado do Democratas em nossa cidade; Sr. Presidente da Faculdade São Salvador, Sr. Antônio José Sales da Silva; Sr.^a Chefe de gabinete Deise Ribeiro Castelo Branco; funcionários, amigos, pacientes do professor Olavo, meus alunos que eu vejo aqui, que identifiquei aqui, meus alunos de pós-graduação *Sensu Lato* programa de residência em ortopedia que estão aqui presentes, amigos, senhoras e senhores, Sr. Médico ortopedista, professor titular da universidade de São Paulo, professor titular da Faculdade de Medicina da USP, chefe de departamento de ortopedia e traumatologia da Faculdade de Medicina da USP, nosso grande homenageado professor Dr. Olavo Pires de Camargo.

Em primeiro lugar eu gostaria de dizer que muito me honra a oportunidade de estar vivendo este momento, e eu gostaria aqui de marcar a importância e a sensibilidade que o nosso deputado, Dr. Alan Sanches dos Santos que nos foi sequestrado para a política, porque para quem não sabe, eu falo aqui não é porque estou na frente dele, um grande cirurgião de quadril, especialista em alongamentos e transportes ósseos usando a técnica de Ilizarov. Um indivíduo que nós perdemos para a política, mas que entendeu desde cedo que tratando um a um ele não teria a amplitude do seu trabalho tão disseminado. Ele pensou no macro em atingir mais pessoas com a sua atuação.

Muito obrigado, deputado. O senhor, e esta Assembleia também, soube entender que o professor Olavo, com toda a sua trajetória, é merecedor.

Ao Dr. Alan Sanches, meu amigo Alan Sanches, também grande ortopedista, eu gostaria de dizer o seguinte... não faz sentido aqui repetir o que o Dr. Alan Sanches, nobre deputado, falou, mas eu queria dizer o seguinte: se existe algo de marcante em toda a trajetória, se fosse destacar algo em toda a sua trajetória é a formação de discípulos. O professor Olavo Pires de Camargo teve 40 orientandos, entre mestrado e doutorado, e teve 58 estagiários de Oncologia Ortopédica, que foram à USP fazer a sua formação e que hoje estão em seus estados, em todas as unidades da Federação, atuando e levando a semente do conhecimento, passada através do professor Olavo, para a sociedade brasileira.

Então, este homem aqui é digno de todo o nosso respeito. E esta homenagem é, talvez, assim... Num Brasil tão carente de tradições e de respeito à questão do merecimento, você ter alguém do porte, da capacidade do professor Olavo sendo homenageado em vida, em vida, é, para mim, realmente maravilhoso.

Parabéns ao deputado, parabéns à Assembleia Legislativa da Bahia por essa ação.

Professor Olavo, o senhor está de parabéns e muito breve será baiano também.

O Sr. Olavo Pires Camargo: O.K., muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): Acho que a esposa do nosso homenageado, D. Vera, já deve estar tão acostumada com essas honrarias pelos feitos que Olavo tem realizado durante a sua vida. Mesmo assim, gostaria de convidá-la a vir aqui em cima para que a gente pudesse fazer a entrega de um novo título, entregar nova certidão de nascimento ao nosso Olavo Pires de Camargo. (Palmas)

(Procede-se à entrega do Título de Cidadão Baiano.)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia confere ao Dr. Olavo Pires de Camargo o Título de Cidadão Baiano. Resolução nº 1.891, de 2018. Projeto de autoria do deputado Alan Sanches.

Salvador 17 de maio de 2019.

D. Vera disse que já se sente também uma baiana, pois já é a primeira-dama da nossa Assembleia aqui, junto com Olavo Pires de Camargo.

(Intervenção fora do microfone.)

Muito obrigado. Nós que estamos felizes aqui por estarmos podendo prestigiar em vida um homem que ainda tem muito a nos servir, na Bahia e no Brasil. (Palmas)

Dona Vera, quero agradecer, aqui, em público, pelas palavras da senhora a esse povo querido, festeiro e acolhedor que é o povo baiano. E tenho certeza que o seu coração agora é mais baiano ainda.

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): Dr. Olavo, eu queria passar a palavra ao senhor, para que possa fazer os seus agradecimentos ao nosso estado.

O Sr. OLAVO PIRES DE CAMARGO: Bom dia a todos.

Eu não vou fazer toda essa coleção de coisas aqui. Nas pessoas do deputado Alan Sanches e do professor Alex eu cumprimento a todas e todos os presentes aqui. E é um motivo de... Nem sei se eu vou aguentar falar, porque ontem eu já tive tantas homenagens e a gente tem que ter muita...

Estou acostumado a falar... acostumado e emocionado, mas agora, não... Eu vou tentar ser o mais prático possível e mostrar um pouco quem eu sou. Com a presença de vários pacientes meus aqui não vai ser fácil, mas eu vou tentar.

Como já foi falado, eu não vou falar da minha vida profissional, mas eu sou de uma família tradicional. Talvez seja esse um dos motivos, também, de eu sempre ter gostado da Bahia, sempre ter gostado da Casa do Menino Jesus, que era a escola, quando foi fundada, e depois se tornou a faculdade.

Sou ligado em tradições. Minha família não é tão antiga como aqui, porque nós descemos para São Paulo. Em 1580 chegou o primeiro português aqui, um Pires, de Trás-os-Montes. Veio e ficou em São Paulo, em São Vicente, nessa região. A família se instalou ali e é uma história de mistura de raças, realmente. Óbvio que os casamentos ocorreram. Sou parente de John Ramalho. Imagine, John Ramalhou casou com 203 índias, mas ou menos isso, na vida toda dele.

É interessante saber que o meu nome é Pires de Camargo porque chegaram os Camargos, de Espanha, em 1610, e aí surgiu uma rixa que foi considerada, até hoje, como a maior briga das famílias no Brasil. Tem até um livro: “Lutas de Famílias Brasileiras.” Pois bem, essa briga era justamente os Pires contra os Camargo. Mandavam matar! Não vou entrar em detalhes, mas tudo decorria da luta pela ascensão política e tudo mais da região de São Vicente, em São Paulo. Os Pires eram ligados aos jesuítas, que fundaram a cidade de São Paulo, e os Camargos eram ligados à escravização de índios. Um era a favor de catequizar, o outro era a favor de escravizar os índios.

Imaginem a briga que surgiu. A ponto de o rei de Portugal pedir a Fernão Dias Paes – o bandeirante da estrada, etc. – que acabasse com essa briga. Fernão Dias Paes era um líder político, tinha influência nas duas famílias, nos espanhóis e nos portugueses, e o jeito encontrado foi fazer o casamento de jovens Pires com jovens Camargos. Aí surgiram os Pires de Camargo.

Essa briga durou 100 anos! Acabou em 1640, por decreto, quando vários Pires foram, gentilmente, obrigados a casar com os Camargos e vice-versa. A princípio, era Pires dos Camargos, depois virou Pires de Camargo.

Essa é uma das origens da minha família, ligada à tradição. Tenho uma antiga propriedade, de que gosto demais – amanhã acho que vamos para lá, não é, Vera? –, que foi das capitâncias hereditárias. Consegui mantê-la, seguindo meu pai, meu avô e o meu bisavô, que era extrativista de café. Enfim, nascemos dessa mistura de raças. Isso é uma verdade. Aqui é paraguaçu, no Rio é tamoio, lá na minha região são os tupis-guaranis, junto com a raça negra e com os portugueses.

Sou uma mistura das três raças: negra, portuguesa e índia. Tenho paixão por genealogia e acho que é uma mistura que deu certo. Pelo menos na minha família

muitos casos deram certo. Essa mistura é importante. E a Bahia é isso também. Talvez essa tradição que eu trouxe de São Paulo, que também representa o povo baiano, que é essa mistura de raças: negra, portuguesa, que é a maioria, espanhola, e a raça dos paraguaios... lá em São Paulo eram os tupis, que eram bem pacíficos, mas os tamoios, no Rio de Janeiro, eram mais briguentos.

Vim dessa tradição dos jesuítas... aqui tem escola, tem faculdade jesuíta. Estudei no colégio jesuíta e sou católico praticante, que também é uma coisa importante na minha vida; sou ligado em tradições. Realmente, tudo isso me faz ser afeito à Bahia.

Eu fui proibido de brincar nas três apresentações que fiz, já que os meus filhos ficaram de olho em mim. Sou um tipo muito aberto, extrovertido, brincalhão e muito gozador também, mas não vou fazer nada hoje. Essa afetividade é importante no convívio profissional, principalmente no trato com os pacientes, e talvez isso tenha facilitado eu conseguir chegar aonde cheguei.

Realmente, tive muita força de vontade. Não foi fácil ser filho do professor catedrático Flávio Pires de Camargo. A pressão que eu sofri era uma coisa impressionante. Quando eu entrei na faculdade: “Filho do homem aí. Olha aí. Olha lá”. Eu não podia fazer nada errado. Ouvi durante 6 anos: “Você nasceu em berço de outro, filho de professor, vai ascender facilmente”. Sofri muito *bullying*, vamos falar assim, nessa época toda.

Dei plantão no pronto-socorro por 11 anos e nunca fui favorecido. Isso me fortaleceu espiritual e moralmente, a ponto de conseguir atingir todos esses degraus, que foram muito bem expostos pelos que falaram aqui, sem nunca ter pisado ou prejudicado alguém. Tenho esse trauma: evito brigar e evito prejudicar alguém. Foi difícil. Na verdade, tem poucos filhos de titulares – antigos catedráticos – dentro da Faculdade de Medicina da USP. Em toda a história dessa faculdade – que não é tão antiga como a daqui, ela é de 1912 –, talvez tenha somente três, que conseguiram atingir esse pico.

Mas isso não é tão importante. O mais importante para mim é que eu devo tudo aos pacientes. Sem querer desmerecer outras áreas da Medicina e sem querer desmerecer outras áreas da ortopedia, eu, realmente... Meu pai mesmo falava: “Não faça tumor, meu filho, faça quadril, que é muito melhor e você vai ter uma ascensão financeira muito maior”. Eu achava interessante. E mais ainda achava importante transmitir afetividade a esses pacientes.

Realmente, eu organizei o grupo em São Paulo e depois no Brasil. Fundei, junto com Elio Consentino – não vou citar outros nomes aqui, mas Elio Consentino foi um grande seguidor meu –, o grupo da Sociedade Brasileira de Ortopedia Oncológica, que hoje frutificou e é importante. Consegui abrir espaço graças a ter viajado com meu pai, junto com meu grande guru William Heineken, para os Estados Unidos. Meu pai não era chegado a essas coisas, mas ele foi. Pois bem, consegui abrir um caminho que hoje tem Reinaldo Garcia e todos os outros que seguiram para fazer reconhecida a ortopedia oncológica brasileira fora do país. Eu não estou me gabando; estou mostrando os caminhos que fiz.

Mas nada disso seria possível sem esse tipo de coisa. Volto a dizer, o contato entre um paciente de tumor e um paciente que quebrou uma perna ou fez uma fratura é completamente diferente. A gente está ligado o resto da vida. A família se liga com a gente o resto da vida; falam no Facebook, etc. São pessoas extremamente gratas. Isso reconforta a gente. Talvez a minha afetividade, talvez esse jeito um pouco baiano de ser tenha facilitado isso. Eu não conheço nenhum oncologista ortopédico que não tenha de dar o algo a mais.

Graças a Deus, a minha filha seguiu esses passos. Ela é até melhor do que eu. É incrível! (O orador se emociona.) A Veridiana fez oncologia clínica. O pessoal fala: “Nossa, ela é muito melhor que você. Não tenho dúvida, professor”. Ela tem uma afetividade incrível.

Meu pai era um pouco mais seco, mas ele ajudava a todos. É óbvio, não é para falar nada, mas seria impossível eu atingir o que atingi sem os pacientes que eu atendi pelo SUS! Aqui não são todos do SUS, mas 90% dos meus pacientes são do SUS. E no Nordeste não tinha oncologia ortopédica. Não tinha oncologia. Tinha paciente cirúrgico que era realmente amputado.

Houve muitos nordestinos que vieram direto para cá. Vieram do interior. Contarei agora uma passagem interessante... ele não está aqui, o Dr. André fez estágio comigo durante 1 ano. Ele atendeu um paciente aqui e encaminhou para São Paulo, lá para os Hospital das Clínicas.

Um tempo depois, ele foi lá para atender o paciente. Chegou, abriu a porta e o cara falou: “Doutor, o senhor aqui de novo? O senhor me mandou para lá e o senhor vai atender aqui?” Isso é uma coisa interessante! O estagiário veio e atendeu o paciente que ele mandou. Isso, várias vezes. Foi dito: “Agora, você vai operar esse menino. Você não vai fugir mais! Você mandou para cá. Agora, você tem que resolver.”

Então, esse tipo de contato e essa experiência numa especialidade tão rara e tão difícil, só seria possível com a paciência. Eles esperaram. Eles se submeteram a tudo! Lá tem fila, lá é difícil. Mas, sempre, com o sorriso nos lábios, sempre, a família me apoiando. Éramos eu e toda a equipe. Eu não fiz nada sozinho. Mas nós conseguimos, realmente, melhorar um pouco a qualidade de vida desses pacientes.

Obviamente, a oncologia clínica favoreceu muito. Eu falo da minha filha que faz, exatamente, isso que eu faço, ou seja, a parte clínica. Obviamente, 90% de óbitos, em um ano, amputando ou não, nós chegamos, agora, a 30% de óbitos; e a amputação caiu a 10%. Quer dizer, houve uma modificação terrível. Meu pai foi o pioneiro nisso também. Mas ele falava: “Filho, não vou conseguir fazer nada!” Ele, sempre, tentava operar, mas não tinha o suporte da quimioterapia.

Então os pacientes, as crianças de 15 a 25 anos, eram todos amputados e faleciam 10 meses depois. Era considerado o pior câncer de todas as especialidades. Agora, não é mais.

E foi, justamente, em 1982, que isso começou. Foi quando eu comecei. Não que eu tenha influência nisso. Mas foi, exatamente, isso que aconteceu no mundo inteiro. E, aí, surgiu a especialidade. Eu tive o privilégio de ser um dos que

conduziram no Brasil isso aí. Isso aconteceu nos Estados Unidos e na Europa. Foi o maior desenvolvimento da medicina em 1990.

Mas o que vale, realmente, é o carinho dos pacientes, o que vale, realmente, é esta parte que hoje eu estou representando aqui. Hoje, eu estou falando da assistência; ontem, foi a academia. Realmente, nós abrimos um foco de comunicação que vai se acentuar muito mais em todas as áreas da ortopedia: no quadril, no joelho, na mão, no ombro. Nós temos esse intercâmbio importante. E todos os baianos, que lá foram, são muito bem reconhecidos e deixaram legado.

O professor Tarcízio é como se fosse o meu irmão desde 1976. Ele foi homenageado aqui. Só que ele é soteropolitano só. Eu sou baiano, sou o primeiro. Então, ele falava isso.

Você sabe do potencial que a Bahia tem com os seus médicos. Todos os que lá foram são de um potencial de trabalho incrível, nunca deram problema e não vão dar. Tenho certeza disso. Fizeram mestrado, fizeram doutorado e corresponderam às tradições da nossa, eu posso falar agora, da nossa Escola Federal da Bahia e da Escola Bahiana de Medicina.

Todos honraram o povo baiano, que é o meu povo também agora. Eu me considero, realmente, um baiano. Isso não é nariz de cera. Eu vou, realmente, me dedicar ainda mais a esta terra por tudo o que falei: pelas tradições que eu respeito, pela religião, no caso, os jesuítas, e pelo amor à especialidade.

Então eu agradeço as presenças de todos, em particular, dos meus baianinhos e das minhas baianinhas. E eu não tenho mais o que falar, senão eu vou começar a me emocionar.

Muito obrigado. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches): Amigos, amigas, durante 9 anos que já estou nesta Casa, este é o terceiro título que dou.

Quero dizer, mais uma vez, que, para mim, foi um privilégio lhe passar, lhe fazer e propor, nesta Casa, esta honraria pelo merecimento que o senhor tem aqui no estado da Bahia e por tudo que você tem feito pelo nosso país.

O senhor tenha certeza que foi de coração e por merecimento.

O senhor merece tudo que foi falado aqui hoje.

Agradeço a todos os senhores e as senhoras presentes.

Muito obrigado.

Declaro encerrada esta sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.